

A PLEBE

CAMPINAS

Nº 02/FEVEREIRO 2008 - Ano 01.
INFORMATIVO do núcleo pró-Sindicato de
Artes E Ofícios Vários de Campinas,
ligado a Federação Operária de São Paulo
(FOSP), a Confederação Operária
Brasileira (COB), a Associação
Continental Americana dos Trabalhadores
(ACAT) e a Associação Internacional dos
Trabalhadores (AIT).



Pelo 24º Congresso da AIT no Brasil, vamos publicar alguns textos de importância para as conversas, discussões e preparativos para o congresso.

A IMPORTÂNCIA ESSENCIAL DA PRÁTICA SINDICAL AUTÔNOMA NA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA

A questão da luta pela liberdade de organização dos trabalhadores é uma questão central, relacionada com a essência mesma da autonomia operária, e por isso tangência o limite do institucional, dentro da concepção anarco-sindicalista histórica. Por essa mesma questão é que devemos entender a diferença entre o sindicato livre e o sindicato revolucionário. Todo sindicato revolucionário tem de ser, necessariamente, livre. O contrário nem sempre é verdadeiro, por exemplo nessas estruturas tipo 'Pastorais', autônomas frente a partidos, frente ao governo, frente a patronal e ao 'latifúndio', mas dependente da Igreja - logo a mercê de sua política direta e de alianças.

O que define a autonomia operária, dentro da visão anarkista, se define na prática social, pela a sua capacidade de criar relações sociais radicalmente antagônicas frente às relações sociais capitalistas. Como princípio do anarkismo a autonomia operária se expressa pela ação direta contra o capital, realizada a partir dos locais de produção, que são a espinha dorsal do capitalismo. É a prática dessa ação direta que leva a unificação dos trabalhadores na luta, quebrando a dicotomia entre quem decide e quem faz, esvaziando a relação entre dirigentes e dirigidos. Essa prática deixa para trás a política burguesa da representação por delegação de poder. Essa prática também tem o condão de unir todas as frentes de luta econômicas, sociais e ideológicas, tendo por objetivo não a tomada do poder do Estado, mas a construção do socialismo. Para isso se distingue nossa prática social, prefigurando o objetivo da organização: o controle e a gestão direta d produção e de toda a vida social.

Na história da luta de classes é dessa prática que se materializou o próprio anarkismo e como amadureceu seu projeto desde a revolução francesa, com as Associações Populares e as Reuniões Públicas dos sans-culotes, passando pela Comuna de Paris de 1848 e, com a fundação da AIT em 1864, principalmente, 1871; pela revolução mexicana de 1910; pela revolução russa; pelo processo que envolveu as revoluções alemãs de 1918 e 1921 e pela importância histórica da revolução espanhola de 1936.

Manifestações mais recentes, após a 2ª Guerra, se expressaram na revolução cubana de 1957, bem como em muitos movimentos de libertação nacional, apartidários em seu nascedouro; nos movimentos da juventude, dos hippies aos punks; nos movimentos ecológicos; o Maio de 68; na revolução dos cravos de 1974; na revolução sandinista; no relançamento da AIT-IWA a partir da década de 80; no levante Zapatista em Chiapas; no levante da Praça Tian na

Mem; nas manifestações de Seattle e no movimento anti-globalização; na Comuna de Oaxaca de 2006! Em nossa própria prática, que nela se referênciamos.

Mas a concepção que fazemos da classe operária, distinta da concepção reducionista do marxismo que o vê como o elemento ligado a indústria, é a que se desenvolveu desde o artesanato, sendo operário o que opera, o que obra, produzindo um bem social útil. Esse não é um conceito moral, mas um fato social. Assim a classe operária não tem realidade em si até quebrar a sua própria alienação. Na prática da atual estrutura social a realidade conhecida pela classe operária é a forma como ela se organiza. A questão em si é contraditória, pois de um lado a classe operária é organizada pelo Capital, dentro das relações que o sistema capitalista impõe, dentro de uma determinada capacidade tecnológica, determinada pelos meios de produção. É claro que essa forma de organização submete o trabalhador, alimentando sua alienação, confundindo sua capacidade de compreensão do processo de organização do trabalho e sujeitando o indivíduo à hierarquia, cada vez mais rígida - tendendo a sua militarização. Dessa forma a classe operária, a classe trabalhadora, o proletariado, os trabalhadores dos campos e das cidades, os excluídos, ou como queiram chamá-la, está organizada para o benefício do capitalista.

Mas, ao mesmo tempo, por outro lado, os operários desenvolvem entre si relações livres e coletivistas, que se materializam nos momentos de luta direta contra o Capital e o Estado, e nessa luta contra o sistema de exploração a classe operária elimina a hierarquia, a burocracia e a centralização, impostas pelo sistema. É nesse contexto que se construiu a organização histórica de luta da classe operária, o sindicato revolucionário. A classe operária auto-organizada lutando diretamente pela realização de seus próprios objetivos.

Da contradição entre essas duas formas de organização da classe operária se conclui que enquanto houver a relação de opressão e dominação, hoje materializada pelo selvagem capitalismo de mercado, haverá sempre um nível de ação auto-organizada, que se materializa nos picos de luta.

A própria disciplina da linha de produção e do capital suscita as formas de luta espontâneas, frente às limitações impostas pela institucionalidade estatal, sempre caracterizadas pela horizontalidade das decisões assembleárias, pelo federalismo das unidades associadas e pela unidade da ação solidária. Nesse sentido rompe radicalmente com os símbolos da sociedade hierarquizada, em especial delimitando seu terreno claramente frente ao Estado e aos seus sucedâneos - partidos, igrejas, etc.

Somente assim consegue levar a cabo a completa negação dos modelos capitalistas e autoritários de organização e gestão - que são caracteristicamente hierarquizantes, centralizadores das decisões e sistemas de reprodução de desigualdades.



"A LUTA ANTIFASCISTA" Edgar Leuenroth

livro inteiro: <http://www.4shared.com/file/5662863/4b806932>

Os anarquistas não consideram o fascismo como fenômeno local adstrito a este ou àquele país, mas como manifestação internacional de sintoma de decomposição do regime capitalista, que, por esse meio, pretende fazer perdurar o domínio de seus privilégios, esmagando, pela reação feroz, todas as aspirações de bem-estar e de liberdade do povo trabalhador.

Por isso, a luta contra o fascismo é a luta contra o regime capitalista.

Não é, portanto, possível a união dos anarquistas com os elementos que, embora tenham transitoriamente interesses diversos aos do fascismo, na campanha contra o mesmo pretendem apenas arredá-lo do caminho que devem percorrer em busca do poder.

Na luta franca, sem tréguas, contra o fascismo, os anarquistas poderão encontrar-se lado a lado com outros elementos, sempre, porém, com independência de ação e não para conservar o regime que deu origem a essa forma requintada de poder e reação, mas para abatê-lo e favorecer a campanha libertária.

Quando o fascismo surgiu em organizações nacionais, estrangulando todas as aquisições libertárias, encontrou os anarquistas em plena luta contra todos os elementos que lhe deram origem: princípios reacionários, sistemas totalitários e aventureiros em busca de domínio político.

No combate às hordas fascistas os anarquistas não são combatentes de undécima hora. Enfrentam-nas decididamente desde o início de sua obra vandálica, dando-lhes batalha sem trégua, por todos os meios e em todos os momentos, em toda parte, fornecendo o maior contingente de perseguidos e de vítimas, que encheram prisões, que povoaram lugares de degredo e campos de concentração, e de perdas de vidas dos que tombaram nos embates sangrentos.

Assim foi na Itália e na Alemanha, em Portugal, na Espanha, na Argentina, e assim aconteceu onde quer que o fascismo tenha aparecido. Naturalmente, outra não podia igualmente ser a atitude dos anarquistas do Brasil.

Recorrendo-se ao noticiário dos diários, folheando-se as coleções da imprensa, libertária, ter-se-á conhecimento dos esforços que os anarquistas vêm desenvolvendo, ininterruptamente, na campanha antifascista.

Nessa luta continuam empenhados os anarquistas, denunciando e combatendo todas as manifestações de caráter fascista.

Quando constituía perigo, quando era crime combater o fascismo, os libertários jamais interromperam a campanha contra esse elemento liberticida, aqui representado pelo integralismo, que tem nos anarquistas o seu maior e decidido inimigo.

Anos após anos, a luta antifascista vem sendo sustentada por todos os meios, pelo movimento libertário, sempre vigilante à frente da agitação, como promotor ou participante.

Na crônica da luta antifascista no Brasil figuram os anarquistas em lugar de destaque com sua atividade em conferência, manifestações e comícios nem sempre pacíficos, bem como através de todos os meios de publicações."

"A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores."

Sindicato

Célula corporativa, constituída por assalariados da mesma profissão, da mesma indústria, executando trabalho similares ou correlatos. O objetivo do sindicato é tornar-se uma força, criar para os seus associados condições capazes de resistir as ambições patronais no plano individual e profissional. É um agrupamento formado no terreno econômico, sem existência preconcebida; são interesses que estão em jogo; e todos os operários que têm interesses idênticos aos do agrupamento podem filiar-se a ele, sem necessidade de declararem quais são as suas idéias em matéria filosófica, política e/ou religiosa. Dentro do seu prisma orgânico, o sindicato, forma-se a partir da unidade para o grupo ou comitê, do agrupamento para União de Sindicatos; da União dos Sindicatos locais para as Federações regionais e destas para Confederação Geral do Trabalho.

Dentro desta mecânica organizativa existem sindicatos Mutualistas, Beneficentes, Autônomos, Independentes, Políticos, Religiosos, Reformistas e Revolucionários. Podem ser de profissionais da mesma especialidade, de "Ofício Vários", Mistos e de Artes Correlatas ou similares.

Para o sindicato funcionar com desenvoltura plena, dentro do horizonte sindicalista é preciso que os seus componentes exercitem afinidades profissionais e cultivem sentimentos de simpatia, de amizade afetiva e fraternal. Não basta pertencerem à mesma entidade, é preciso desenvolver ação social conjunta, operar modificações econômicas, particulares, ma também elementos catalizadores, capazes de ajudar no descondicionamento humano, ampliando assim a tolerância, a compreensão, o respeito e o apoio mútuo, fortificantes da solidariedade.

Um sindicato onde cada componente age para si, com unidade isolada, individualista, dificulta a convivência e a formação da família sindicalista.

O sindicato para ser dinâmico, coerente, organismo consciente, além de cultivar o auxílio mútuo e praticar a solidariedade de classe e humana, precisa ministrar cursos de militância, revelar oradores, promover palestras, conferências, debates, ensinar humanidades, realizar festas de conagração cultural, desenvolver a arte de representar, projetar sessões de cinema com debates em torno dos filmes e deflagrar greves quando se fizerem necessárias, sempre apolíticas. Caso contrário, torna-se um órgão inoperante, aburguesado, comerciante, começa a definhar, transforma-se num barco sem rumo, corpo sem cérebro, comandado pelo estômago.

Do livro *Socialismo-Uma visão alfabética*.

**A emancipação dos trabalhadores é obra dos próprios
trabalhadores**

CONTATO: fospccs@riseup.net SÍTIO ELETRÔNICO: www.cob-ait.org